V. ANNO — SEXTA-FEIRA 29 DE DEZEMBRO DE 1865. — N.º 513

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Politica interna

BOLETIM

A questão sobre o projecto da liberdade de imprensa, ficou para se dicidir na proxima abertura do parlamento, que verificar-se-ha no dia dois do proximo mez de janeiro.

Esta questão é de grande importancia, e é de crêr que se empenhem n'ella os melhores oradores da tribuna. Teem já fallado sobre o assumpto alguns srs. deputados, entre cujos discursos destaca-se como muito notavel, e digno de se lêr, o pronunciado pelo sr. deputado Camello Lampreia. Sua ex.ª, defendendo o projecto, orou excellentemente, sendo a espaços verdadeiramente eloquente. Admiramos o talento do illustre deputado, e confessamos que o discurso de s, ex.ª revela muitos dotes oratorios, mas não partilhamos totalmente a opinião do orador.

Não queremos para imprensa a impunidade, mas queremol-a livre, e essa liberdade, achamos nós, que lhe é tolhida, senão por todas, por algumas das disposições do projecto.

A presente questão é, em nosso entender, a questão de maior tômo que ha tempos tem entrado o parlamento. Cumpre portanto, que ella seja tratada com toda a prudencia, e que se dê ao debate a latitude que a sua muita importancia demanda. E' necessario que se derrame muita luz n'esta questão; porque ella versa sobre um dos mais sagrados direitos — a liberdade de pensamento.

Como a favor, tem fallado contra o projecto alguns srs. deputados; mas a questão precisa de maior desenvolvimento, para que o projecto seja votado com convicção e esclarecimento da parte de todos os representantes do povo.

Aguardamos a abertura do parlamento, por ver decidida esta questão, para que está agora voltada toda a atenção do paiz.

E' de crêr que ella terá uma solução favoravel, fazendo-se algumas modificações no projecto.

Não fizemos da imprensa echo de paixões más, não infamámos com insinuações torpes, procurámos informações auctorisadas, remontámos á origem dos *succedimentos*, e compulsámos com lealdade os documentos que podiam e deviam esclarecer-nos. Se as informações são inexactas, e os documentos falsos, tanto peor para a camara e para os seus conscienciosissimos defensores. Não nos lancem a nós a culpa, mas carreguem com ella, que toda lhes pertence.

Na secretaria do governo civil existem documentos officiaes onde fomos buscar os dados em que baseamos a nossa argumentação.

Esses documentos devem ser insuspeitos aos defensores da camara. São os mappas estatisticos das obras municipaes assignados pelo presidente da camara, o sr. Manuel Firmino.

Não podemos suppôr que estes mappas fossem feitos a capricho, antes devemos acreditar que elles foram confeccionados á vista da escripturação competente, em presença de documentos, e em harmonia com as contas enviadas ao tribunal de contas.

E não podem elles ser capitulados de deficientes, antes admirados pela sua minuciosidade.

Nos taes mappas diz o sr. Manuel Firmino que elle dirigira as obras do Passeio, e que dispendêra nellas no anno economico de 1863 a 1864 3:160$673 réis, applicando essa quantia ao pagamento de 230 m. c. de gradeamento, 3960 ³ d'aterro, 17 ³ de esquadria, e 200 ³ d'alvenaria.

Ora ninguem poderá dizer que o sr. Manuel Firmino presidente da camara e director da obra do Passeio, não é competentissimo para nos dar estas informações. Acreditando-o, tiramos as nossas conclusões, em que ainda insistimos.

Mas os defensores da camara vem agora dizer-nos que o sr. Manuel Firmino mentira, e que dos livros d'entradas e sahidas da camara, que elles examinaram attentamente (mas em que não acharam erro da somma que tem), não consta que se pagassem os 230 m. c. de gradeamento, que se aterrassem 3960 ³, que se construissem 200 ³ de alvenaria, ou que se comprassem 17 ³ d'esquadria.

O negocio complica-se cada vez mais, e agora é o sr. Manuel Firmino que tem de explicar-se, e haver-se com os seus defensores. Arranjem-se como poderem ou como lhes convier; mas de maneira que se fique sabendo se o sr. Manuel Firmino improvisou os mappas para encobrir cerca de 1:899$000 réis de jornaes em uma obra, os materiaes da qual custaram cerca de 250$000 réis, ou se para mascarar o negocio das lettras se arranjou agora uma escripturação em que se faz figurar o cebo, as marrecas, aterro pelo preço fabuloso de 2$400 réis o metro cubico, e os taes 1:899$000 réis de jornaes.

Fique se sabendo se a escripturação da camara sempre errada serve para provar o branco e o preto, se á assignatura do sr. Manuel Firmino se póde dar credito, e se finalmente a administração municipal é uma burla.

Os defensores da camara collocaram-se em pessimo terreno, para se escapar, compromettem o sr. Manuel Firmino. Veremos como explicam este novo e curiosissimo incidente. Aguardamos a resposta.

Uma questão importante está pendente da resolução da camara electiva. Não é uma questão, em que se trate do futuro economico do paiz, dos interesses dos contribuintes, dos commodos materiaes da civilisação, ou em que vá interessada a fazenda publica. É uma questão em que vão envolvidos maiores e mais serios interesses, bens d'uma ordem superior.

É do projecto de lei sobre a imprensa, que fallâmos.

Nós estamos convencidos de que o actual ministerio, á força de se mostrar illustrado, e de desenvolver uma iniciativa que lhe faz muita honra, e que corresponde á confiança que nelle tem depositado o paiz, tem conquistado gloria, que em balde a opposição tenta offuscar. Vemol-o caminhar na estrada das reformas com muita coragem, e victoriado pelas sinceras e enthusiasticas acclamações do paiz, que tanto têm lucrado, e tanto espera ganhar da sua excellente administração. Não cessaremos de lhe tributar respeito e de lhe fazer elogios, em quanto se não desviar da senda que nobremente tem caminhado. Temos visto desencadearem-se por ahi as iras impotentes d'uma opposição mesquinha, e sentimos repugnancia de ver covardemente impugnar-lhe as medidas.

Mas ao passo que conhecemos quanto o actual ministerio tem feito em bem do paiz, quanto o paiz tem a esperar delle, e quanto a impugnação que tem soffrido nos seus actos é acintosa e inspirada pelo espirito de partido, quanto as intenções delle são rectas, e visando sempre o alvo da prosperidade da nação, ao passo que estamos convictos d'isto, manda-nos a lealdade e convencimento com que temos apoiado as suas medidas, que mostremos a nossa discordancia naquellas que nos parecem menos conformes com o interesse do paiz.

A reforma que o ministerio projecta fazer na imprensa tem principios bons e dignos de todo o elogio; como por exemplo, a de emancipar a imprensa de depositos e cauções que até hoje acorrentavam o direito de escrever ás vicissitudes da fortuna.

A imprensa que é tão necessaria a um governo livre, como o ar é necessario para manter a vida animal, neste artigo avançou um passo no sentido da emancipação do pensamento. Não succede, porém, assim em alguns outros artigos que se notaram já em um dos numeros passados deste jornal.

Nós queremos a liberdade do pensamento em toda a sua latitude. Não queremos, que a lei coarcte esta liberdade, por que julgamos que sem a liberdade de pensamento não póde prosperar quaquer paiz que se présa de ser livre; mas com dizermos que queremos a liberdade do pensamento em toda a sua extensão, não se infira que desejamos a impunidade para abusos que se commetterem na expansão livre da ideia. Não queremos tal. A punição para a imprensa que se aparta do verdadeiro caminho que deve seguir, é indispensavel, para que a liberdade não degenere em licença, para que a imprensa, cuja nobre missão é esclarecer e corrigir, não a troque pelo vil mister de insultar e escarnecer.

A imprensa deve ser livre, e para que seja livre é preciso que a lei lhe reprima os abusos, e vigie sempre porque ella não caia da altura da sua missão civilisadora, para que ella seja o orgão das necessidades do povo, e não o espiraculo de insultos e infamias.

Cremos na liberdade do pensamento, como na mais importante garantia que podem dar leis feitas sob a benefica arvore da liberdade; cremos nella como n'um dos mais firmes esteios da liberdade d'um povo.

Não nos conformamos, portanto, com a disposição do art. 3.º do projecto sobre a imprensa.

Segundo o sentido d'aquelle artigo poderão ser obrigados a ter editor quasi todas as publicações.

Diz o citado artigo: entende-se por periodico para os effeitos desta lei, toda a estampa ou escripto, impresso ou lithographado, publicado em dias certos ou irregularmente que contiver doutrinas de qualquer natureza, scientificas, religiosas, ou politicas e sociaes, ou se referir a actos da vida publica ou particular de qualquer pessoa.

Em virtude de tal artigo não foge quasi nada á condição do editor. A maior parte das publicações são periodicos, segundo o sentido do referido artigo, e como o projecto de lei exige no art. 2.º para todo o periodico um editor, seguir-se-ha que um livro qualquer com doutrinas, sejam de que natureza forem, mas que se publicar em dois ou mais tomos ou folhetos, precisará de editor. D'este modo temos uma notavel restricção na liberdade de imprensa. Será preciso um editor legal para quasi todas as publicações, sem o que não haverá liberdade de pensamento, ainda mesmo sobre sciencias racionaes e especulativas.

Se esta é a intelligencia d'aquelle artigo, não nos parece justo e conveniente, e, se não é, faz-se mister que a camara substitua a redacção do artigo, por outra determinada e comprehensivel, e que possa ser praticamente applicavel no foro.

Publicámos ha dias o relatorio e projecto do sr. ministro da justiça sobre a extincção dos juizes ordinarios, juizes eleitos e sub-delegados do procurador regio.

Dissemos então, e não nos cansaremos de repetir que a organisação judiciaria tal como se acha no nosso paiz é má, é absurda, e por conseguinte que precisa de reforma. Estamos convencidos d'isso, e tambem de que as camaras hão de approvar a proposta do sr. ministro. Esperamos vêl-a breve convertida em lei, e folgâmos com isso, porque gostamos sempre de vêr o paiz crescer em melhoramentos, prosperar, e ir ávante na senda do progresso.

O ministerio actual que tem iniciativa, que tem vontade, que tem illustração, relanceando os olhos pelos differentes ramos de administração publica não podia deixar de vêr o pessimo estado em que se achava este, e votar-lhe immediatamente os seus cuidados.

Reconhecemos, pois, que é uma medida boa e digna de illustração e zêlo dos nossos governantes.

Mas ao passo que applaudimos, e estamos convencidos da utilidade e importancia de tal reforma, lamentamos a miseria a que com ella ficam reduzidas muitas familias dos empregados que serviam nos juizos ordinarios.

A proposta do sr. ministro da justiça diz que, para as comarcas que se crearem e para os logares que se augmentarem, preferirão em egualdade de circumstancias os empregados dos julgados supprimidos. Justo é. Mas a equidade pede talvez mais. Os empregados dos juizes ordinarios viviam, e sustentavam as suas familias dos emolumentos que recebiam. Com a suppressão dos julgados cahem na pobreza, porque geralmente quem exerce um officio d'escrivão de juizo ordinario não tem muitos bens de fortuna.

Extinctos os juizes ordinarios, e preferindo só em egualdade de circumstancias, os empregados dos julgados supprimidos ficam quasi com os mesmos direitos aos logares que se crearem de novo nas commarcas e aos tabellionatos, que outras quaesquer pessoas que nunca tenham exercido empregos publicos.

Nós conhecemos que o bem geral do paiz deve preferir ao interesse particular d'alguns cidadãos; e se os legisladores não tivessem este principio sempre diante dos olhos, as leis ou não seriam justas, ou não se fariam, porque poucas vezes ganha um paiz, que não percam alguns particulares. Neste caso está a excellente lei que ainda ha pouco aboliu o monopolio dos vinhos do Douro.

Da proposta, porém, do sr. ministro da justiça, que cremos que breve será lei do paiz, e cuja utilidade e importancia não nos cançaremos de repetir que é reconhecida, da proposta do sr. ministro, dizemos, os males, que podem provir para as familas dos empregados dos juizos ordinarios extinctos, são remediaveis. Para isso basta que não seja tomado em todo o seu rigôr a disposição da proposta, quando diz, que para os logares que se crearem de novo nas comarcas e para os tabellionatos preferirão em egualdade de circustancias os escrivães dos julgados extinctos.

Quando as leis podem conciliar o bem do paiz com os interesses particulares, bom é que o façam; e no caso presente não deparamos com impossibilidades ou inconvenientes, para que isto deixe de realisar-se.

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 512.)

Lady Leonor Braybrooke exasperada com a raiva assumiu no rosto taes côres d'apopletica, que encheriam de esperanças os herdeiros, se então podessem vel-a. Sapateava sob os vestidos, e fazia um perfeito contraste com a pallidez, e immobilidade d'Amabel; era uma brasa ao lado de um floco de neve, e até podia causar assombro, que a visinhança do abraseamento daquellas côres não lhe derretesse as niveas faces.

—Cousa incomprehensivel! disse Guilherme Bautry; nem sequer posso formar uma conjectura disparatada sobre esta desapparição!

— Pois descubro-lhe eu uma razão, respondeu a irritada lady Braybrooke: Benedicto Arundell é o derradeiro dos miseraveis; — mas nós não podemos ficar aqui estacadas como estatuas. Voltemos para tua casa, sobrinha.

E agarrou-se ao braço d'Amabel, que arrastou até á carruagem.

Mal que se viu só com a tia, Amabel, até então tomada de mudo estupôr, foi assaltada por um ataque nervoso; engelharam-se-lhe as bellas feições, arquejou-lhe o peito com soluços vehementes, e suffocal-a-ia a dôr, se dos olhos não lhe rebentasse finalmente grande cópia de lagrimas.

— A perda de cincoenta mil Benedictos não vale uma das perolas, que cahem dos teus olhos formosos, minha queridinha! dizia lady Leonor, cuidando de socegar miss Vyvyan. Bem te dizia eu, minha sobrinha, que um homem de cortezia não deixava a sua noiva á porta da egreja parair fallar com um amigo; não era sir Alan Braybrooke capaz de commetter similhante inconveniencia.—Quem será este Sidney? Ha de ser irmão d'alguma mulherinha enganada pelo tal bargante Arundell, e que n'alguma casa de pasto visinha o esperava de creança nos braços.

—Minha tia, Sidney não tinha irman; muitas vezes m'o disse sir Benedicto, respondeu Amabel a lady Braybrooke; a sua suspeita não tem fundamento. Quanto mais que sir Benedicto Arundell não é capaz....

—Ora! ora! vocês, raparigas, sempre tem com que desculpar esses meninos bonitos de suissas frisadas que se põem a contemplar a lua quando vos fallam á noutinha. O teu Benedicto era poetico e poeta. Sempre aborreci indoles taes. Com tal gente nunca sabemos como proceder; tem modos de vêr incomprehensiveis, e uma logica ao revez, que lhes faz tomar a decisão com que ninguem contaria; criam felicidades disparatadas, e desgraças chimericas. Olha, menina, o que é mister no matrimonio é um espirito positivo.... sir Alan Braybrook e...

—Mas, minha tia, e se elle caiu n'alguma embuscada, se lhe armaram alguma cilada...

—Adeus, adeus! uma embuscada em Londres, á luz do dia, a distancia de vinte e cinco passos de uma fileira de carruagens na presença de lacaios, e de uma policia sem conta!

—Pois que Benedicto não voltou, Benedicto está morto, respondeu Amabel atabafando um suspiro no lenço, que uma onda de lagrimas ensopou.

Por minutos estremeceram o corpo da donzella sobresaltos convulsos.

—Ora vamos, vamos, disse Leonor dessocegada com a desesperança d'Amabel: por um noivo se demorar por alguma razão mais ou menos mysteriosa, não se segue que já não é deste mundo.

— Oh! eu tenho certeza que nunca mais o verei. Dizem-m'o os meus presentimentos; perdi-o para sempre!

—Chimeras! parvoices! pois tambem ha presentimentos? eu por mim é coisa que não tenho. Isso é bom lá para a Escocia, que é o paiz da *segunda vista*; mas em Londres, no West-End ninguem adivinha o futuro.

— Aquella egreja tinha um aspecto tão pavoroso! ao transpôr-lhe o liminar fui tomada d'arrepios mortaes.

— Ora! é o resultado dos seculos, e do carvão de pedra: simples phantasmagoria gothica. Se tivesses escolhido a nova egreja de Hanover-square, imitada do Parthenon, e pintada de branco, onde se casa toda a fidalguia, não sentirias esse effeito prophetico, e sem embargo o teu futuro sería o mesmo.

— Oh! minha tia, tem razão, mas muito cruel razão! Bem presinto,—mão violenta riscou no livro do destino a pagina, onde estava escripta a vida futura de Benedicto e a minha.

— Mas, ainda que eu deva atormentar o teu coração, tenho para mim que em vez de procurar explicações sobre-naturaes podiamos achar causas mais rasoaveis; outro amor...

—Pois pensa n'isso, minha tia! Oh! em tal caso antes esteja morto! sir Benedicto Arundell não é capaz de mentir, nem d'atraiçoar; o que sente no coração profere-o a bocca, e o coração delle está de accordo com seus olhos; e se é possivel que me enganasse, porque o faria? Não tem um nome de fidalgo? não é tão rico, tão moço como eu?

—E dize tambem: tão formoso; vocês ambos formavam um par encantador, acrescentou suspirando lady Leonor Braybrooke, que não podia deixar de reconhecer a exaetidão das razões d'Amabel, e cuja cholera ia dando o logar a verdadeiro dessocego.

Intendia, que o que tomára como inconveniencia bem podia ser uma desgraça, e portanto tornou-se-lhe a côr violacea em purpura, depois em carmesim, e por fim desmaiou de carmesim em vermelho, que era a pallidez relativa do seu rosto.

Ao cabo d'alguns minutos parou a carruagem, e miss Amabel Vyvyan subiu, só, triste, e desesperada, aquella escada, que havia uma hora descêra com alegria no coração, sorriso nos labios, e as pontas das niveas luvas na mão do seu querido.

Foi extremo o pasmo das criadas ao vel-a entrar assim; as exclamações de lady Braybrooke breve as informaram do acontecido; e ainda que a extrema circumspecção de criadas inglezas não lhes consentisse perguntas, ou commentarios sobre a desgraça, que acontecêra a sua ama comtudo pela alteração das feições, pelos modos cautellosos, com que andaram pelo aposento, com medo d'importunar tão grande e tão legitima dôr, bem se deixava vêr a parte, que nella tomavam na inferioridade da sua esphera.

Atirára-se aniquilada acima de um sophá miss Amabel Vyvyan, defronte do espelho, que ha pouco lhe servíra para dar a ultima demão ao seu toucado nupcial. Se os espelhos, apesar da sua inconstante fidelidade, tivessem um leve sentimento dos objectos, que reflectem sem reter, por certo que ficaria espantado e commovido aquelle, ao reflectir tão macilento, tão definhado, e tão desesperado o rosto, que ha pouco se esboçava nas profundezas do aço polido, tão branco, tão fresco, tão radiante de felicidade e esperança.

Ai!—as lindas rosas das faces perderam as cambiantes mimosas, e mal os labios conservavam um reflexo vermelho quasi amortecido. O que era belleza viva mudou-se em belleza morta, e a estatua animada do contentamento transformou-se no anjo da melancholia, chorando sobre a sua sepultura. (*Continúa.*)

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 26 de dezembro.

Na sessão de sexta-feira da camara electiva, tivémos outra vez em scena o sr. José Paulino, que aproveitando a palavra, que lhe fôra concedida, levantou algumas phrases pronunciadas pelos srs. deputados Fradesso e Salgado; referindo-se áquelle disse que, se as suas palavras pronunciadas na sessão antecedente importavam censura ou um conselho para elle orador, não receberia nem uma nem outra cousa. Dirigindo-se depois ao sr. Salgado, fez ver que as expressões que elle orador soltára na sessão anterior, nem envolviam insinuação alguma, e nem queria com ellas fazer espirito, como suppoz o sr. Salgado.

O sr. Fradesso, com aquelle bom senso, que o caracterisa, em curtas, mas em phrases conceituosas respondeu condignamente ao sr. Paulino. E por esta occasião o nobre deputado ponderou que tinha tanto empenho e interesse nas cousas militares como o sr. Sá Carneiro; mas que tinha por costume evitar as demasias da palavra, e poupar o mais que lhe for possivel o precioso tempo consagrado ás cousas publicas.

O sr. Salgado não chegou a fallar, e o tiroteio militar cessou, passando-se á ordem do dia.

O sr. Leandro José da Costa, deputado por S. Thomé foi introduzido na sala e prestou o juramento do estylo.

Entrou em discussão o projecto da imprensa.

Abriu o debate o sr. Levy Maria Jordão, deputado por Thomar. Afigurou-se ao sr. Levy, que o projecto em discussão acabava com o julgamento pelo jury, e que começava o reinado da policia correccional em todos os casos, em que houvesse o absurdo da liberdade de imprensa. Citou muitos auctores, e auctorisou-se com as suas palavras para combater o que no projecto não vinha. Todas as razões do digno deputado foram contraproducentes.

O sr. Levy, além de não ser um orador fluente, foi infeliz na sua argumentação, porque com o projecto do governo se alcança os mesmos resultados, que o nobre deputado deseja. Mandou para a mesa uma substituição ao projecto do governo, a qual substituição vem a ser o mesmo que o projecto, salva a redacção; e isso mesmo declarou o sr. Levy.

Seguiu-se depois o sr. Santos e Silva. Fazemos justiça á intelligencia, e aos dotes oratorios do nobre deputado. Mas nesta questão esteve muito abaixo da sua reputação.

O orador veio em defeza da liberdade de imprensa que o projecto do governo não atacava; persuadiu-se de que no projecto se acabava com o jury; imputou ao projecto o que elle não continha, para ter o improbo trabalho de esgotar a sua propria phantasia. Quando se lhe disse n'um áparte, que o projecto não podia ter melhor defensor do que elle proprio, ficou maravilhado, e talvez na sua consciencia se lamentasse de haver desperdiçado em vão o trabalho provavelmente de muitos dias. E de feito mostrou grande erudicção e uma portentosa memoria, porque repetiu quasi palavra por palavra muitos trechos de Laboulaye, Tocqueville e outros auctores, que trataram do importante assumpto da liberdade de imprensa.

N'essa sessão, mandou para a mesa o sr. ministro das obras publicas uma proposta de lei, para ser approvado e confirmado o contrato celebrado entre o governo e o marquez de Salamanca, modificando se n'ella alguns artigos do contrato celebrado pela carta de lei de 5 de maio de 1860, e addicionando-o com novas estipulações, como a de construir-se uma estação de mercadorias na margem esquerda do Douro, e um ramal que ligue a linha ferrea do norte com Valladares.

Na sessão de sabbado, coube a palavra antes da ordem do dia ao sr. Costa Lemos, que pronunciou uma verrina contra o sr. Vieira de Castro, estando este ausente. A resposta ficará de remissa, porque o sr. Vieira da Castro é sufficientemente pundonoroso para não deixar correr á revelia algumas das expressões acrimoniosas e até certo ponto apaixonadas, que lhe foram dirigidas.

Na ordem do dia continuou a discussão do projecto de imprensa. Fallou o sr. Lamprêa. Tratou a questão em toda a sua altura. Defendeu com calor o projecto em discussão: a sua palavra é facil e energica; revela muita finura na argumentação. Quasi que se póde dizer que o sr. Lamprêa não fez mais do que converter contra os adversarios do projecto os projectis que lhe haviam arremessado. Teve momentos de verdadeira eloquencia, não só pela elevação da phrase, como pela robustez do pensamento.

Seguiu-se a fallar o sr. Carlos Bento contra o projecto. O orador verdadeiramente não combateu o assumpto em discussão; porque no final do seu discurso disse, que aceitava as disposições do projecto, menos a redacção que devia ser mais clara. Fallou, como costuma, com graça, e urbanidade sobretudo.

Encerra-se hoje a sessão legislativa, e fica a discussão do projecto sobre a liberdade de imprensa para nova sessão, cuja abertura será no dia 2 do proximo janeiro.

A camara alta já deu parecer sobre a novação do contrato da linha ferrea de sueste. O parecer das commissões reunidas, foi favoravel, sendo seu relator o sr. Casal Ribeiro. *Y.*

Exposição do Porto

XV

Começaremos hoje a nossa visita, entrando na secretaria do Palacio de Crystal, e felicitando a direcção — pelas suas resoluções, relativas ao preço da entrada, hoje ao alcance do maior numero—pelo projecto acertadissimo da illuminação, e do sorteio de premios, escolhidos entre os productos expostos—e pela parte que teve no estabelecimento do serviço de conducções entre o palacio e varios pontos da cidade.

Ás diligencias dos directores, e ao espirito emprehendedor do sr. Antonio Marques, devem os visitantes uma commodidade apreciavel. e de ha muito justamente reclamada por todos.

Se houver perseverança, se não esfriar o zelo dos encarregados da direcção do serviço, zelo que notámos com satisfação nos primeiros dias, terá o Porto mais um grande melhoramento a contar entre as numerosas manifestações, que nos apresenta, de adiantamento e progresso.

E este melhoramento—note-se bem—provocado pela exposição, ha de ser permanente. Ficará estabelecido nesta cidade como em Lisboa, e em todas as povoações importantes dos outros paizes.

Seria absurdo que no Porto, cidade de tanto movimento, e que será de agora em diante muito visitada por forasteiros, tivessem estes de notar uma falta imperdoavel, e um escandaloso abuso—no preço elevado do aluguer dos trens—consequencia inevitavel da falta do serviço, que o sr. Antonio Marques felizmente encetou.

Applaudindo o novo serviço não será para admirar que nos affastemos hoje do Palacio de Crystal, e que deixemos por instantes as salas, em que estão expostos os productos da industria, porque reclamam a nossa attenção as officinas, d'onde novos productos hão de em breve sahir.

Estamos na rua dos Bragas. Vamos entrar em uma fabrica, a que deram impropriamente o titulo de «Aurificia». Aceitemos o nome, respeitemos o pensamento aristocratico, que derivou o nome da fabrico do metal mais nobre em que ella vae trabalhar. Atravessemos rapidamente um bello jardim. Entremos no edificio construido para a reunião de importantes officinas, e admiremos, ao entrar, a magestosa sala das machinas, com as suas galerias apoiadas em columnas de ferro.

Como em tudo é precisa a ordem, indaguemos o que vae a industria fazer, naquelle seu palacio, com tanto acerto edificado, e aproveitemos para esta indagação a benevola condescendencia dos fundadores, artistas, homens de trabalho, esforçados iniciadores, e portanto irmãos e amigos nossos, de nós todos os que temos esta preciosa missão do trabalho.

A fabrica «Aurificia» é fundada pelos srs. Pedro Augusto da Costa, Joaquim Rodrigo Pinto, José Dias de Almeida, Miguel Gonçalves Courado e Silva, Manuel Antonio da Costa Guimarães e Augusto Alberto Correia.

E' destinada esta fabrica para laminar, e puxar á fieira, ouro, prata, e outros metaes; para fabricar talheres similhantes aos que foram apresentados na exposição pela fabrica franceza do sr. Christofle; para estampar sobre metaes; para produzir os pregos, que o commercio conhece pela denominação de pontas de Pariz; e finalmente para fazer ensaios de ouro e prata, com rigor, que a sciencia ensina, e que os interesses do consumidor com fundamento reclamam. Alguma vez se ha de olhar para este serviço de ensaios com a cuidadosa attenção, que elle merece.

Para dar movimento ao seu machinismo tem a fabrica uma excellente machina de vinte cavallos, de cylindro horisontal, e alta pressão, em que a expansão do vapor se aproveita. Cerca da machina estão os esquentadores, e na casa proxima a caldeira, com dois cylindros fervedores, systema que para este serviço é preferivel ao das caldeiras tubolares.

A machina de vapor está collocada na extremidade norte do salão. Depois della, na casa contigua, ou antes no prolongamento da sala principal, está situada a officina dos pregos. Duas series de machinas concorrem para o trabalho que este fabrico exige. Da primeira, onde póde entrar a barra, sahe o arame estirado em fio, que póde ser mais ou menos grosso. Na segunda entra o arame, e della sahe depois o prego. Esta segunda serie é constituida por uma preciosa collecção de machinas de Frey, dessas machinas notaveis, conhecidas e experimentadas ha muito, em que a manivella dá movimento regular ao arame, de maneira que a cada volta corresponde a sahida de uma porção delle, cujo comprimento deve ser o comprimento do prego. A cabeça é formada pela percussão, em uma extremidade, quando o arame sahe, e a ponta é feita por duas navalhas, que o cortam, tocadas por excentricos.

Na extremidade sul da sala está o estrado dos laminadores. Vão ali funccionar quatro: o primeiro de vinte e dois centimetros de largura por vinte de diametro; o segundo de vinte e sete por vinte e dois; o terceiro de trinta e sete por vinte e quatro, e o quarto de sessenta e dois por vinte e sete centimetros. As laminas irão pois de vinte e dois a sessenta e dois centimetros de largura.

Dos laminadores, no fabrico dos garfos, por exemplo, vae a chapa dirigida para a cortadeira, que a corta nas dimensões convenientes; d'ahi passa a um laminador de preparação, que lhe dá, entre dois cylindros, a necessaria grossura; depois ao balancé; e finalmente a outra machina, em que são cortados os dentes do garfo. Segue-se ir aos tornos de rebarba, e aos de polir, e em fim a pratear ou dourar na officina para este fim destinada. A direcção dos trabalhos desta officina deve occupar especialmente as attenções dos interessados na fabrica. Os objectos, prateados ou dourados, são depois areados ou brunidos. Todos os utensilios precisos para esta operação existem já no deposito.

Possue a fabrica dois balancés, de Frey. O parafuso de um delles tem quatorze centimetros de diametro por oitenta e cinco de comprimento. O do outro tem dezesete centimetros de diamentro por noventa e cinco de comprimento. E' uma notavel machina este segundo balancé, de grande força, e perfeitamente construido.

Para estampar os objectos de ouro e prata, na ourivesaria, tem a fabrica quatro macacos, pelos quaes o trabalho do martello é substituido com grande vantagem, como facilmente se póde crer.

Nas galerias da officina estão todas as machinas necessarias para o trabalho manual de acabamentos, etc.

Em uma das casas do pavimento superior, na mesma altura das galerias, ficará estabelecido o importante deposito das matrizes, que já hoje contém para cima de quatro mil cunhos.

Ao lado do edificio principal serão em breve construidos os fornos de fundir, e de recoser, e algumas outras officinas necessarias.

Com a direcção intelligente, que esta fabrica possue, com o auxilio dos capitaes, que segundo nos consta são de sobra para a empreza, e com a valiosa coadjuvação do mestre francez, o sr. Bertin, do contra-mestre belga, o sr. Charlier, e de outros operarios, dos quaes só um é estrangeiro, acreditamos que as officinas poderão todas funccionar no principio do anno proximo.

Sahimos satisfeitos da rua dos Bragas, e sem receio de que nos accusem porque nos desviámos da exposição. Viemos d'ali para saudar o alvorecer de uma industria, que nos parece fadada para os mais altos destinos. Deus queira que se realisem as nossas prophecias, e os nossos sinceros desejos.

FRADESSO DA SILVEIRA.

Commercio do Porto.)

Damos hoje publicidade á acta da sessão extraordinaria da meza, que tem por fim a collocação do retrato do grande tribuno o sr. JOSÉ ESTEVAM COELHO DE MAGALHÃES, effectuada em casa do vice-presidente o sr. Carlos Faria de Mello, que por falta de espaço deixámos d'inserir no numero anterior.

Acta

«Aos vinte e um dias do mez de dezembro de mil oito centos sessenta e cinco, estando presente os abaixos assignados, convocados pelo presidente para sessão extraordinaria, constituida a mesa, sendo chamados para substituirem os logares de vogaes, que não poderam comparecer á hora aprasada, os estudantes José Joaquim de Almeida e Vasconcellos, José Gomes d'Andrade e João Pedro Ferreira, e depois de se ter lido uma carta do thesoureiro Albino Antunes Ferreira Coelho em que se desculpava do seu não comparecimento, pelo presidente n'uma breve allocução foi exposta a materia da discussão; era ella a desharmonia que reinava entre alguns estudantes sobre a presidencia: foi sufficientemente discutida ficando todos satisfeitos e determinando-se, que continuasse funccionando a mesa debaixo da direcção do mesmo presidente até se alcançar o glorioso proposito da assembleia, decidindo-se mais que se offerecesse no dia da inauguração o logar de presidente ao ex.mo Reitor do Lyceu sendo nesta occasião nomeado unanimemente presidente honorario, ficando a direcção encarregada de lh'o participar por escripto no acto de lhe enviar a acta da eleição para a approvação. Egualmente se propoz e approvou, que depois da adherencia do ex.mo Reitor á acta da assembleia geral do dia 19 de dezembro, se alcançasse a mesma approvação dos respectivos professores do Lyceu e Seminario, approvação que a direcção deve obter na primeira occasião. Dada esta materia por discutida, passou-se a fallar sobre a erecção do monumento e todos acordaram em que se solicitasse o auxilio dos professores do Lyceu e Seminario só no caso de que o dinheiro junto entre os estudantes não fosse sufficiente para occorrer ás despezas d'essa erecção: do mesmo modo propoz o estudante Manuel Queiroz da Silva que se estipulasse uma quantia egual para todos, depois de se saber quanto seria necessario despender, proposta que por então não foi approvada, determinando-se que ninguem fosse coagido a dar esta ou aquella quantia, pois que todos deviam concorrer livre e voluntariamente para esse fim, e isto principalmente pelo que diz respeito aos mancebos de menor edade, que em grande numero frequentam o Lyceu. Mais se determinou que na primeira quinta feira depois de ferias se reunisse a mesa, ficando convidados todos os presentes que não fazem parte da direcção, acordando-se que fossem convidados mais alguns que pela sua influencia e prestimo podessem concorrer para se conseguir o desejado fim. Por proposta do presidente foi nomeado para prehencher uma lacuna do logar de segundo secretario o vogal, Francisco Victorino Barbosa de Magalhães, sendo substituido neste logar pelo alumno de phylosophia, Patricio Theodoro Alvares Ferreira, proposta que foi aceite por unanimidade. No fim da sessão entrou o vogal Antonio Barreto Ferraz Sacchetti, que tomou assento e approvou a materia discutida. E desta fórma foi encerrada a sessão de que se lavrou a presente acta, que depois de lida por mim secretario foi assignada por todos os presentes. Aveiro, 21 de dezembro de 1865.

O presidente, Viriato de Souza Marques.
O vice-presidente, Carlos Faria de Mello.
Vagaes, Antonio Barreto Ferraz Sacchetti.
« Francisco Victorino B. de Magalhães.
« Augusto da Silva Santiago.
« João Domingues Louro.
« Antonio José Lopes Junior.
« João Pedro Ferreira.
« Sebastião Simões Pereira.
« José Gomes de Andrade.
« Manuel Queiroz da Silva.
« Lourenço José Tavares e Castro.
« Manuel d'Oliveira Costa.
« Patricio Theodoro Alvares Ferreira.
« José Joaquim Ferreira.
O secretario, Francisco Augusto da Fonseca Regalla.» * * *

CORRESPONDENCIA

Damos em seguida a correspondencia de Angeja, para a qual no nosso penultimo número chamámos a attenção do sr. governador civil.

Attenção, sr. governador civil!

Sr. redactor.

Angeja, 14 de dezembro de 1865.

« No seu jornal de 12 do corrente li o seguinte: «*O sr. Garrido demittiu só um administrador do concelho, e este por questão de moralidade*».

Ao ler taes expressões, uma crispação nervosa me fez estremecer. Se algum administrador d'esse districto devesse ser demittido por questão de *moralidade*, deveria ser o actual administrador de Albergaria Antonio Ferreira Souto e Silva.

O sr. Garrido teve conhecimento das prevaricações, abusos, e delapidações á F. N. que o administrador de Albergaria praticou, mas não teve força, ou não quiz alterar a ordem que lhe impuzeram: conservou-o.

Digo aqui e bem alto que o actual administrador do concelho de Albergaria o bacharel Antonio Ferreira Souto e Silva prevaricou por proposito e má fé no recrutamento militar no anno de 1861, e delapidou com igual conhecimento a F. N.

Provoco o actual administrador para me vir desmentir ou na imprensa ou nos tribunaes, no prazo de 3 dias sob pena de ser marcado com a nota de prevaricador.

Espero que o sr. Souto não curta em silencio esta affronta, e que venha desafrontar pela ultima vez o seu nome e pundonor tão ensovalhados.

Tenho em meu poder documentos do que aqui digo.

O administrador do concelho de Albergaria não pode ser auctoridade, desde o acto em que seja governador civil de Aveiro um homem honesto, moral, e justiceiro, predicados que encontramos no actual. Ahi fica a luva lançada.

José Rodrigues da Silva.

Sr. redactor.

Tendo nós visto no jornal *Campeão das Provincias* de 13 do corrente sob o n.º 1393 uma correspondencia de Mira relativa á eleição da camara e juiz ordinario, a que se procedeu n'aquelle concelho no dia 26 do preterito novembro, fazendo um relatorio exato do que ali se passou que conclue por uma derrota ao partido vencedor, dispondo este, como dispõe dos meios ali mencionados, de cuja bandeira lhe desertaram 223 volantes, agourando que de futuro receberá uma completa derrota.

Quizera-mos, sr. redactor, que o auctor da correspondencia fosse mais positivo na exposição dos factos, pois é certo que não ignora os passos que se deram para supplantar o partido da maioria d'aquelle concelho, representado na pessoa do sr. Manuel Maria Pimentel Calisto, contra quem é toda a guerra do insignificantissimo partido da minoria representado por João Moreira e seus adeptos.

Quem ha ali que ignore que João Moreira conjunctamente com seu filho então e actualmente administrador d'aquelle concelho, e todos os seus satellytes cometteram grandes demasias, e empregaram todos os esforços ao seu alcance n'aquella lucta, para fazer triumphar as suas listas, e sudplantar o partido do sr. Manuel Maria Pimentel Calisto, ameaçando uns, e promettendo empregar a outros etc.

Quem diria que o juiz de direito da comarca de Cantanhede, o dr. Francisco Henriques de Souza Secco, fizesse citar todos os agentes eleitoraes do sr. Manuel Maria Pimentel Calisto na vespera do dia 26 de novembro para no mesmo dia da eleição irem áquelle tribunal depor sobre uns estragos feitos em uma caldeira d'uma companha de João Moreira nos principios de setembro na costa d'aquella villa, de cujos estragos os ditos agentes nada sabiam, por isso que não são pescadores e tão sómente se empregam na agricultura?!!

Quem ha ali que ignore que o administrador d'aquelle concelho seu pae, e seus satellytes se empenharam o mais possivel para com os srs. Pintos Bastos, afim destes cavalheiros coagirem todos os seus foreiros=votantes=da Gandra da Parada a votar a seu favor?

Por que partido trabalharia o revd.º parocho d'aquella freguezia que a muitos votantes fez vir á sua residencia afim de lhe pedir o seu voto, e que a outros muitos votontes mandou fallar por seu criado, que n'aquella conjunctura, andou sempre atrelado a João Moreira e a todos os seus, acompanhando-os em todas as correrias eleitoraes?

E á vista do que levamos dito, que é tão sómente a pura verdade, que dirá o auctor da correspondencia para quem foi a derrota; seria para a auctoridade administrativa, que contava com os referidos elementos de coadjuvação de todos os empregados publicos; ou para um particular que só dispunha de si e por si?

O estado antigo de Mira não é o prezente; agora tinha a minoria=chamada antigamente a opposição=por si toda a força publica. O administrador logo que tomou posse fez mudar immediatamente o pessoal da administração, e apresentou-se em campo raso com todas as suas forças, que ficaram reduzidas a zero. E o mesmo acontecerá sempre em quanto tiver contra si a opinião publica pelos seus desvarios e venalidades, que nunca esquecerão aos homens sérios e desapaixonados, que ha em todo aquelle concelho.

Concluimos pois advertindo ao auctor da correspondencia que seja mais positivo na exposição dos factos, e que não preveja o futuro por uma prisma tão enganoso, pois que mais tarde lhe mostraremos, que a influencia do sr. Manuel Maria Pimentel Calisto no seu concelho, ha de augmentar para o futuro, e subir muito do ponto em que hoje se acha.

Queira, sr. redactor, lançar no seu mui lido jornal estas poucas linhas, em que muito obsequiará um seu assignante. * * *

Do concelho de Oliveira do Bairro, em data de 18 do corrente, escrevem-nos o seguinte:

Sr. redactor.

«Não vou hoje pejar as columnas do seu jornal com comesinhas frases de um engraçado noticiarista, ou com o estirado artigo d'algum escrevinhador *da arribação*; vou apenas dar materia para que alguma penna mais bem aparada faça o necrologio sentido á morte de um vulto, cuja falta foi tão lamentada como lamentada a sua existencia. Eis o caso.

No dia 26 do mez passado, dia memoravel para o concelho d'Oliveira do Bairro, para disfarçar a rabuge de varias preocupações, levou-me a curiosidade a dar o meu passeio até á cabeça do mesmo concelho, onde se faziam n'essa occasião as eleições municipaes. Quero dizer-lhe primeiro que tudo, que achei muito chiste no enthusiasmo com que todos trabalhavam na sua emancipação, quando ha tantos tempos têem aquelles povos vivido na maior das oppressões. A aristocracia, arrogando a si a importancia vaidosa de carunchosos pergaminhos, tentava revocar á vida os manes dos Silveiras, Povoas e outros, que a liberdade soube anathematisar entre o crepitar das balas; em quanto que a democracia gemia de desalento; porque a pressão folgava ancorada no absolutismo enroupado das ensaguentadas vestes inquisitoriaes. Mas quebrou-se afim esse grilhão possante, dobrou-se o cabo tormentoso, e hoje cantam a *hosana* da liberdade, e dão-se mutuamente os parabens pelo resultado feliz de seus trabalhos. Desviando-me do meu proposito, ia longa já a ensancha.

Em quanto estava apreciando com o maior dos enlevos esta expressão de alegria, que translusia de todos os rostos, surprehendeu-me um ruido monotono que vinha crescendo pouco a pouco d'um lado da mesma villa. Olhei; e com effeito vi as multidões do povo que agglomeradas pelas ruas olhavam com anciedade, como querendo fixar com avidez o enlevo de seus pensamentos. Corri tambem a ter parte no mesmo engodo. Fiquei porém petrificado quando vi os despojos de um finado caminhando com passos vagarosos para o escuro seio de seu jazigo.

Os ais repetidos de todos os lados, as lagrimas vertidas da face de seus amigos fizeram com que eu tambem não deixasse de limpar os olhos, e soltar de vez em quando um suspiro pungente. Familiarizei-me com a imagem da morte, e acompanhei o prestito até á mansão dos finados. Era, na verdade a morte que mais se tem sentido! E deseja v. saber de quem eram esses despojos que iam dar-se á terra para nunca mais serem chamados á vida? Era o partido cabro-avila, que padecendo ha muito tempo uma affecção estomacal não poderam salval-o os cuidados da medicina.

O cadaver vinha envolto n'um habito de sêda preta, pendendo-lhe do pescoço uma cruz côr de sangue, similhante áquella que usavam os inquisitoriaes do santo officio. O ataúde forrado tambem de sêda era levado por quatro cavalheiros vestidos de preto, que, enchugando amiudadas vezes os olhos, mostravam nas faces lividas o sentimento profundo que os magoava.

Á cabeceira do finado ia um homem *venerando*, que apezar da sua idade mostrava no rubor da face, no cheio do corpo, e mais que tudo na sua altivez orgulhosa, que o tempo o tem respeitado. Este homem levava a chave do caixão pendurada ao pescoço por uma fita, que enlaçando-a e desenlaçando-a amiudadas vezes nos dedos parecia ser estranho a todo aquelle funebre apparato; talvez para desvanecer a ideia que o martyrisava.

Seguia-o a orchestra que tocava em tom menor um minuete que fazia estalar as pedras das ruas. O que mais notei era a falta de padres, porque apenas iam trez, um dos quaes encobria a cara, que nunca pude saber quem era. Os outros dois eram moços, mas contrastavam de uma maneira singular: um muito pequeno, d'olhos grandes e esgaseados parecia esconder-se entre as turbas que o cercavam; e o outro alto e direito mostrava um aspecto varonil que raras vezes se encontra. Era este o que fazia as vezes de parocho.

Chegados que fomos ao limiar do templo levantou o officiante a voz e entoou o — *Subvenite, amici Luciferis, occurrite Angeli Demonis, suscipientes animam ejus, offerentes eam in conspectu Diaboli.* E neste momento collocam o caixão sobre uma eça d'antemão preparada no meio d'esse logar, já designado para fazerem as honras funebres ao finado, a que chamamos qui o dito templo.

Principiou o officio, e durante todo esse tempo pareciam os circumstantes terem perdido o dom da fala; apenas se podião entender pelos gestos da afflição e pelas lagrimas que corriam a jorro dos olhos. Era uma scena pathetica!

Se fosse de uma crença frouxa havia de dizer que aquella alma se tinha perdido; porque dizia minha avó que era mau signal quando a cêra amortecia a luz; e naquella occasião os *brandões* que estavam ao lado do cadaver tinham perdido a luz de todo!

O officiante revestido de capa chega ao lado do ataúde, e diz n'um tom compungente: *Non intres in judicium cum servo tuo, Demone.* Insensou depois, e aspergiu.

Acabadas que foram estas ceremonias coube o discurso a um moço elegante, que levantando a voz em tom magistral, soube convencer os ouvintes, que só o finado, que fazia as tristezas de todos, tinha sido o heroe sobre quem se esgotaram as honras da patria, que só elle tinha preenchido os deveres da honestidade, e que fóra d'isso só havia *corrupção* e abuso.

Nesse discurso *pathetico* e sublime, que julgo o mundo já vira em letra redonda, soube juntar á dicção os pensamentos sublimes de um Cicero portuguez. Embrenhou-se profundamente na theologia, enlaçando com ella a instrucção primaria, que pasmou a quantos o ouviram. Espera por isso em breve o diploma *honroso* de *socio da academia dos gaiatos.* E o que mais realçava o mancebo esperançoso era o garbo presumido com que retirava da bocca o bigode retorcido.

No meio, porém, das lagrimas e do desalento, assim foi sepultado no concelho d'Oliveira do Bairro o partido cabro-avila para nunca mais tornar a resurgir. *In Inferno nulla est redemptio.*

Discurso pronunciado pelo sr. ministro da fazenda, Fontes Pereira de Mello, na sessão de 6 do corrente, a respeito da novação do contrato das linhas ferreas do sul e sueste.

(Conclusão do num. antecedente.)

Mas quaes são os elementos que o governo procura para assentar no rendimento do producto bruto kilometrico do caminho de ferro de sueste?

Eu por mais que procure e por mais que considere esta questão debaixo de todos os seus aspectos, não creio que possa ir buscar outros elementos que não sejam os da sua producção agricola, os do seu movimento de mercadorias por porto de mar, e todas as outras considerações accessorias que servem para mostrar qual é a riquesa d'aquelle paiz, e o desenvolvimento de que é susceptivel em virtude da sua população e dos caminhos de ferro d'aquelle territorio.

Comecemos pela riqueza territorial.

Todos sabem que as nossas estatisticas não são perfeitas. A este respeito já um illustre deputado, que não está presente, se referiu largamente; e creio que este objecto tambem tem sido tocado pelos illustres cavalheiros que tomaram parte no debate. Mas na falta de estatisticas rigorosas, creio que o bom senso não aconselha a desattender todos os elementos que poderão servir para nos esclarecer.

Não quero tomar hypotheses arbitrarias, nem tão pouco me limitarei a considerações que podem ser de tal modo baseadas, que para determinar, vão de um absurdo até outro absurdo, concluindo por absurdos nas extremidades.

Deixemos essas hypotheses e essas extremidades.

Vamos indagar os elementos que indicam o desenvolvimento que póde tirar-se do caminho do Alemtejo em relação á cultura. Mas a cultura não é conhecida rigorosamente. Não temos o cadastro do Alemtejo, assim como tambem não temos os trabalhos chorographicos e topographicos no grande desenvolvimento em que é necessario que estejam, para podermos apreciar, de uma maneira esclarecida a riquesa de producção d'este trato de territorio.

Qual é o unico elemento de que dispomos para poder chegar a alguma approximação no calculo do producto bruto kilometrico do caminho de ferro, em relação á agricultura? — E' o imposto. (apoiados).

Conheço que este systema não é rigoroso no resultado, nem póde ser perfeito; conheço que o imposto territorial sómente, não póde dar uma idêa de desenvimento do paiz que o caminho de ferro tem de atravessar; mas este elemento é melhor do que outros esclarecimentos menos completos, e leva-me mais depressa a conclusões positivas do que á cegueira em que aliás me vejo embrenhado sem poder sair do sitio em que me colloquei, uma vez que não tome por base alguns dados estatisticos mais ou menos rigorosos.

Faço mais. Não considero sómente o imposto territorial.

Como todos sabem, os caminhos de ferro não devem o seu producto sómente á industria agricola. Não ha duvida que a maior parte do seu rendimento provém do elemento das mercadorias, e que a menor parte d'elle provém do elemento dos passageiros. Está calculado pelos homens mais conhecedores d'esta materia, pelos homens competentes, que proximamente dois terços do producto bruto kilometrico, são fornecidos pelo movimento das mercadorias, em quanto só um terço é fornecido pelo movimento dos passageiros. Mas tambem é sabido que as populações agricolas fornecem geralmente menos elementos de producto bruto aos caminhos de ferro, do que as populações industriaes.

E' por isso que eu, em logar de me restringir ao imposto tomado debaixo do ponto de vista predial, o que seria para mim mais vantajoso, prefiro conhecer, examinar e confrontar o imposto pessoal e o industrial dos diversos districtos que são atravessados pelos caminhos de ferro.

Peço licença á camara para lhe apresentar mais detalhadamente estas considerações que me parece não são improprias da materia, e que podem esclarecer mais o espirito do que as observações, aliás vagas e indefinidas, que podesse fazer em contraposição ás observações apresentadas pelos meus illustres adversarios.

Tenho aqui a nota do imposto nos diversos districtos atravessados pelo caminho de ferro.

Esses districtos são: o de Beja, o de Evora, o de Faro, o de Portalegre e o de Lisboa nos concelhos ao sul do Tejo. Por todos elles passa o caminho de ferro, e a todos corta em maior ou menor extensão.

Eu explico á camara qual é a natureza do meu calculo.

Vejo duas linhas, uma já feita e a outra para completar dentro do paiz n'uma extensão proximamente egual. Fallo da linha do norte e leste e da de sueste e sul.

A primeira tem 506 kilometros em exploração; e a segunda ha de ter proximamente 514 kilometros de extensão. Duas redes, como digo, de uma estensão aproximadamente egual atravessando comtudo diversos districtos do reino.

Se eu tivesse um conhecimento exacto, tão exacto quanto possivel em objectos d'esta ordem da producção agricola effectiva dos districtos atravessados por estas duas redes, podia, comparando a riqueza productiva dos districtos, por que passa uma d'ellas, com a d'aquelles que são cortados pela outra, e vendo o producto bruto que ja existiu para a rede do norte e leste nos dois primeiros annos de exploração, tirar d'aqui uma conclusão infalivel, um argumento irrespondivel acerca de qual ha de vir a ser o producto bruto kilometrico do caminho de ferro de sueste.

E' por isso que fui examinar qual era o producto das contribuições predial, pessoal e industrial, para tomar a contribuição industrial no sentido mais largo e debaixo de todos os seus aspectos nos diversos districtos percorridos pelas redes dos caminhos de ferro.

Vou mandar para a mesa, para que todos os possam apreciar, estes documentos, que se referem ao ultimo anno, ao de 1854, e que, trazendo tudo calculado, são por isso os mais proprios para se chegar a um resultado positivo.

Eu acho que a somma dos impostos predial, pessoal e industrial nos districtos por onde passa a linha do norte e leste; considerando-se tambem o districto de Portalegre que é commum para as duas redes, é de 729:461$096 réis, e acho que a somma dos impostos pessoal, industrial e predial dos districtos atravessados pela rede do sul e sueste importa em 425:631$045 réis.

Se eu tomar metade dos rendimentos dos impostos a que me referi em relação á rede dos caminhos ferro do norte e leste, temos réis 364:780$540; quer dizer uma somma inferior á importancia de 60:872$597 réis ao total dos impostos que mencionei nos districtos atravessados pela linha dos caminhos de ferro do sul e sueste.

Se eu quizesse podia d'aqui tirar argumentos. Creio que alguns se podem tirar, e não é a primeira vez que n'esta casa se calcula, como se faz em toda a parte do mundo, o producto bruto kilometrico de um caminho, em relação ás forças productivas do paiz que atravessa. Creio, que não ha outro elemento; e se eu tivesse a certeza de que esta contribuição correspondia exactamente ás forças productivas de todos os districtos que tem de atravessar o caminho de ferro, a conclusão era bastante rigorosa. Conclue-se d'aqui que 60:872$597 réis é mais de metade do rendimento do caminho de ferro de norte e leste.

Já a camara vê qual é a ordem das idêas que quero seguir para partir do conhecido para o desconhecido, e tomar um caminho diverso dos meus illustres antigonistas. Os illustres impugnadores do contracto chegaram ás suas conclusões, sem verem estatisticas, sem verem documentos, faltando-lhes tudo, e dizem depois: «Este caminho deve render réis 1:000$000.» E' verdade que não posso jurar pelas palavras dos illustres deputados, nem ss. ex.as podem ter essa pretensão.

Esta somma fixada pelos meus illustres adversarios é para mim tanto mais suspeita, quando são os proprios deputados que declaram formalmente que não tinham os elementos necessarios para copiarem as estatisticas, nem outro qualquer em que se podessem fundar: Mas diz um: «Este caminho deve render 1:000$000 de réis; eu sou mais generoso, diz outro, deve render 1:600$000 réis; nada, dizem lá fóra na imprensa onde esta questão tem sido tratada, não deve render mais de 600$000 réis; e houve mesmo quem disse que devia render 100$000 réis! (Riso).»

Eu não sou assim, não estabeleço bases empiricas, não apresento hypotheses arbitrarias; vou do conhecido para o desconhecido, que é o systema seguido nas sciencias exactas, nas sciencias economicas. E' um systema que não é mau para se chegar á verdade dos factos.

Ora, o imposto predial, o imposto pessoal e o imposto industrial não significa por si só todos os elementos necessarios para se formar a base do calculo do producto bruto kilometrico dos caminhos de ferro; sou o primeiro a reconhel-o; e digo mais, seria muito arbitrario, muito pouco justo se tomasse cada um d'estes elementos isoladamente. Quem póde corregir este calculo é a diversidade de elementos que aqui se encontram comprehendidos, que provavelmente se modificam uns aos outros: quer dizer o imposto predial comparado com os impostos pessoal e industrial, impostos que na sua natureza e origem representam valores e riquesas de uma naturesa essencialmente differente. Por isso não posso admittir que para se saber o rendimento do producto bruto kilometrico do caminho de ferro, se considere unicamente um d'estes elementos separado de todos os outros.

Portanto, para podermos chegar a uma media que seja rasoavel precisamos da verdade. E agora permitta-me a camara, apesar que foi o sr. Carlos Bento que se referiu ás medias (é uma declaração tão simples que não merece a pena esperar por s. ex.a para responder), que eu diga alguma cousa a este respeito.

As medias não agradaram ao illustre deputado que hontem fallou. Disse s. ex.a que as medias eram fallazes e podiam induzir a erros. Porém eu confesso que sou apaixonado das medias, e direi a v. ex.a e á camara, que as medias são os elementos com que se resolvem as maiores e mais graves questões mathematicas e physicas; sem as medias não faziamos nada. As medias nas sciencias economicas são de tanto valor, de tanta estimação, e consideram-se tanto como nas sciencias physica e mathematica, (apoiados).

Vou agora entrar n'outra ordem de considerações; vou entrar nas considerações relativas á população; tratarei depois do que diz respeito ao movimento das mercadorias, e procurarei combinar todas as conclusões de modo que chege a um resultado pratico e favoravel, confrontando-o com o producto bruto conhecido das redes dos caminhos de ferro de leste e norte, afim de podermos calcular aproximadamente, e com a maior probabilidade, qual será o rendimento futuro do caminho de ferro de sueste. Porém esta ordem de idêas é inteiramente nova, a hora está quasi a dar, e portanto peço a v. ex.a que me reserve a palavra para ámanhã.

Vozes: — Muito bem, muito bem.

(*O orador foi comprimentado por grande numero de srs. deputados*).

S. ex.a, como costuma, não reviu este discurso.

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 291 de 23 de dezembro

MINISTERIO DO REINO

Despachos por decretos do mez de novembro ultimo, para a administração civil.

—Idem por decretos do mez de novembro ultimo, para a instrucção publica.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Despachos effectuados por decretos do corrente mez.

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda nos dias 7 e 9 de fevereiro de 1866, de fóros censos e pensões impostos em propriedades sitas nos concelhos de Vieira e Barcellos, districto de Braga.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Noticias de Macau e Timor.

— Decreto nomeando Aristides Thomaz da Silva Barbosa, official da secretaria do governo da provincia de S. Thomé e Principe.

— Outro concedendo ao presbytero Pedro Affonso Ferreira as honras de conego da sé de Loanda.

— Outro nomeando Antonio Maria de Castilho Barreto para servir em commissão o logar vago de escrivão da junta da fazenda publica da provincia de S. Thomé e Principe, em quanto este logar não for provido por meio de concurso.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

Decreto nomeando José Eduardo do Couto para o logar de segundo official da repartição de contabilidade deste ministerio.

— Regulamento geral e systema de classificação adoptada pela commissão imperial franceza com relação á exposição universal de 1867.

— Portaria approvando o projecto datado de 3 de maio ultimo relativo á ponte sobre o rio Varoza na estrada marginal do Douro.

Exterior

Completou-se o ministerio italiano. Foi nomeado ministro do reino o sr. Chiaves, e o sr. Natali occupou de novo o cargo de ministro da instrucção publica. O sr. Chiaves é um advogado joven, natural de Turim, e foi sempre contrario á convenção que em setembro ultimo fez a Italia com a França.

As leis financeiras propostas por o sr. Sella eram a primeira questão do gabinete passado. Antes da resolução tomada pelo gabinete via-se que a maioria da camara acceitaria todas as propostas com relação á fazenda, excepto aquella que se referia ao direito de moagem, posto que o ministerio mostrava que esta medida era de necessidade.

Não são ainda bem conhecidas as causas da retirada do governo, mas é para crer que a camara, composta de elementos muito distinctos, se oppoz a algum ponto importante da acção governativa delle.

Falleceu o sr. Nigra, ministro da casa de Victor Manuel.

A perda deste homem é bastante sensivel para a Italia. O sr. Nigra era amigo intimo do soberano italiano, foi ministro em 1850, e gosou sempre de excellentes creditos. A Italia punha neste estadista toda a confiança, já pela sua intelligencia, já pela sua houradez de que tinha sempre dado muitas provas.

— No dia 16 verificou-se em Bruxellas as ceremonias funebres, do enterro do rei Leopoldo.

Um jornal de Bruxellas dizia a este respeito o seguinte:

«A extraordinaria solemnidade que tiveram as exequias do rei Leopoldo, o numero excepcional dos soberanos que se apresentaram nesta ceremonia; os sentimentos unanimes manifestados pelo povo belga por occasião da morte do rei; a dedicação com que concorreram, sem distincção de partido a acompanhal-o á sua ultima morada; todas estas manifestações de um sentimento universal, tanto europeu como nacional, parecem ter produzido um certo effeito em Pariz.

Quer se n'isto reconhecer uma prova de sympathia pelo rei Leopoldo, assim como testemunho de interesse pela obra, para cuja fundação elle concorreu. Nestas circumstancias principia a guardar-se silencio em respeito ás questões politicas que se tinham suscitado.»

Os jornaes de Pariz no mesmo dia em que se escrevia isto em Bruxellas, davam noticia de ter o novo soberano prestado juramento perante as camaras.

Diz um jornal francez:

No seu discurso firme e digno parece satisfazer completamente a expectativa publica, por isso que annunciava a intenção em que está de proseguir na mesma senda trilhada por seu pae, procurando comprehender, como elle, os deveres da realeza.»

O novo soberano diz no seu discurso que o desempenho da sua missão constitucional está fóra da lucta das paixões.

As palavras, que el-rei Leopoldo proferiu nesta occasião, foram bem acolhidas pelo paiz, por isso que deixam ver os desejos do soberano em acabar com as desintelligencias existentes, e ver todos os cidadãos acercarem-se da bandeira nacional, como filhos todos da familia belga. O discurso do novo soberano faz esperar que elle não se arredará do caminho pisado pelo seu antecessor.

—O governo inglez parece muito disposto a fazer grandes economias nos orçamentos de guerra e marinha, e o futuro financeiro dos Estados Unidos da America tem inspirado grandes esperanças aos capitalistas inglezes.

—Começaram no dia 21 em Pariz as conferencias preparatorias para o tratado de commercio entre a França e a Austria. A estas conferencias, que acabarão breve, seguir-se-hão outras que hão de celebrar-se em Vienna, a que assistirão os representantes das duas potencias.

Em todos os municipios de França se preparam as operações do recenseamento geral que costuma fazer-se em cada quinquenio, e que terá logar no proximo anno de 1866.

—Abriu-se no dia 17 em Bucharest a sessão legislativa dos principados do Danubio. O principe no seu discurso concede á camara o direito de interpellação.

O principe fallou das obras publicas, como pontes, caminhos de ferro da Moldavia e da Valaquia, e sobre este ponto demorou-se, expondo a necessidade que havia de dar bom acolhimento aos capitaes estrangeiros, e encareceu as vantagens que resultam daquelles vinculos de interesse e solidariedade que unem os povos. Fallou tambem da exposição universal de Pariz, e pediu á camara que não poupasse esforços para que a Romania fosse dignamente representada na futura exposição de Pariz. Tratou das recentes desintelligencia com a potencia suserana, a Turquia; ratificou o bom accordo que existe entre o throno e o paiz, e declarou que o animavam as mesmas ideias que manifestou, quando officialmente expoz ás potencias garantes ao acceitar os thronos de Moldavia e Valaquia, que os occuparia como um deposito sagrado.

— Chegou ao seu periodo decisivo a crise porque tem passado a Austria. Reuniu se a dieta hungara e assistiu o imperador Francisco José á sessão solemne da abertura. O discurso do soberano foi acolhido com muito enthusiasmo, e por elle póde-se agourar desfecho favoravel, e é o mesmo discurso que terraplena prudentemente o campo á solução definitiva.

E na verdade o conflito entre Vienna e Pesth cifra-se em termos muito simples.

A Hungria até hoje queria a continuidade de direito, fazendo depois as concessões exigidas pela unidade nacional do imperio. O governo imperial, temendo que essas concessões não fossem bastantes, regeitava o ponto de partida do programma hungaro. Mas o imperador no seu discurso fez do presente conflicto uma questão de compensação, entre as exigencias da Austria e as reivindicações da Hungria, firmando a continuidade do direito e a unidade do imperio. Cremos que entre a Hungria e a Austria havia antes um equivoco de um ponto de questão, do que uma dissidencia; e ao passo que se forem desenredando os factos ver-se-ha que, porventura, um ponto mal entendido foi causa de tal desaccordo.

— Diz-se que a situação em Hespanha se torna cada vez mais grave. Nos circulos politicos corre que as auctoridades de Malaga dirigiram importantes communicações ao governo hespanhol, e ha algum motivo para este boato ser acreditado, em consequencia de desapparecer um chefe militar muito conhecido.

Ao passo que se espalham estas noticias o general Narvaez faz em sua casa reuniões dos homens politicos de mais importancia, e de ideias conservadoras.

Noticiario

Noticias da côrte. — Diz-se que El-Rei o senhor D. Luiz e sua augusta Esposa chegarão a Lisboa ámanhã (30).

Reaes viajantes. — Lê-se no *J. do Commercio*: Diz a *Presse* de 22:

«S. M. F. o Rei de Portugal, acompanhado por um camarista e pelo filho do visconde de Paiva, chegou a Calais ás 11 e meia horas da manhã n'um trem especial, dirigido por mr. Ribery, inspector do caminho de ferro do Norte. Almoçou no bufete da estação, onde aguardou a chegada do principe de Galles, que devia ter logar á uma hora e um quarto vindo de Darmstadt.

O Rei recebeu o principe ao apear-se do wagon, depois de um cordeal aperto de mão, dirigiram-se juntos a bordo do yacht *Vivid*, da marinha de guerra ingleza que estava ancorado em frente da estação, que immediatamente içou no mastro grande as bandeiras reaes de Inglaterra e de Portugal. Alguns instantes depois, o *Vivid* fazia-se de vela para Douvres.

O Rei de Portugal dirige-se a Windsor para visitar a rainha Victoria, que não pôde ver na sua recente viagem a Londres, em consequencia do anniversario da morte do principe Alberto.

O Rei, regressando a Pariz, desembarcará no dia 23 em Calais.»

O rei artista caçador. — (Diz o mesmo jornal.) Lê-se na *Gazete des Etrangers*:

«Rossini foi segunda vez visitado no dia 19 por S. M. F. o Rei de Portugal.

«Sendo prevenido ao meio dia, pelo visconde de Paiva de que ás duas horas teria a honra de receber a El-Rei D. Luiz, o maestro empregou o tempo que lhes restava a formar, para assim dizer, um pequeno estado maior de musicos, com Verdi na sua frente, que elle reuniu em sua casa e apresentou ao real visitante. Achavam-se ali, além dos authores do *Rigolletto* e do *Guilherme Tell*, Caetano Braga, Perruzzi, Lucantoni... Verdi assentou-se diante do piano; o rei cantou a famosa *romanza* de barytono *do Trovatore*: *il balen* e o *eri tu* do *Ballo in marchera.* Ainda não é tudo; depois da musica vocal, passou-se á instrumental, e o rei fez-se ouvir no violoncello, admirando a todos a superioridade com que desempenhou a sua parte neste concerto sem egual. Cumpre não esquecer uma circumstancia relativa a esta improvisação musical, que se deu entre um rei musico e estes cinco ou seis principes da musica; emquanto S. M. El-Rei D. Luiz cantava a cavatina do *Trovatore*, Rossini, e todos os que estavam presentes, — incluindo o visconde de Paiva, — acompanhavam com as suas vozes o augusto *diletante*, desempenhando o papel de choristas.

Lê-se no *Sport* de 20:

«A semana passada, ás duas horas da tarde um estrangeiro de distincção, moço e elegante, apresentou-se a Devisme, espingardeiro que mora no *boulevard des Italiens*, e pediu que lhe deixasse ver uma espingarda de dois canos para caça de javalis, e patenteou-lhe o desejo de experimentar as balas explosivas.

Devisme reconheceu, durente a conversação que se travou, que tinha diante de si um verdadeiro caçador, e propoz-lhe sem ceremonia leval-o á sua casa de campo em Argentenil, para ahi fazerem as suas experiencias.

O desconhecido informou-se do tempo que este passeio demandaria.

— Duas horas, respondeu Devisme: partiremos de Paris ás dez horas, e chegaremos a Argentenil meia hora depois; bastar-nos-hão trinta ou quarenta minutos para experimentarmos as espingardas.

Porém Devisne, que em tudo pensa, enterviu um obstaculo: a hora do almoço e o ar mui fino de Argentenil.

—Que importa! em quanto fizermos as nossas experiencias, preparar-se-hão uma omoleia e algumas costeletas; refeição de caçadores.

— Está dito, acceito de bom grado.

O estrangeiro já se ia retirando, quando Devisme se lembrou de lhe perguntar o seu nome e morada.

— Dae-me uma penna, foi a resposta.

A estupefacção de Devisme foi grande, quando lêu n'uma folha de papel: *El-Rei de Portugal no grand Hotel.*

— Perdoe Vossa Magestade, disse Devisme, se me atrevi a offerecer-vos uma tão modesta refeição.

— Estaes perdoado, e visto que acceitei, fixar-vos-hei o dia.»

Festas.—Tem esta semana havido as falladas *festas* em casa d'alguns *parceiros* onde as donairosas *tricaninhas* e os *dandys* cá da terra passam algumas horas

«N'aquelle engano d'alma ledo e cego,
«Que a fortuna não deixa durar muito.»

Mas para a semana proxima podemos afiançar aos *apaixonados* d'essas *danças populares* bastante abundancia e principalmente para o bairro da beira-mar.

Aproveitar a mocidade em quanto a vida nos sorri fagueira!

As entregas.—Como é costume tiveram logar na terça e quarta-feira as entregas dos ramos do Senhor Sacramentado nas freguezias da Vera-Cruz e Nossa Senhora da Gloria.

Na primeira freguezia receberam-se alguns ramos á porta, havendo bastante foguetorio e as demonstrações de regosijo de tal occasião.

As mezas estavam bem dispostas e com manjares em profusão, distinguindo-se pelo apparato e bom gosto a do nosso amigo o sr. Francisco Antonio da Costa Guimarães.

Na Senhora da Gloria receberam poucos á porta, indo este anno para as aldeias limitrophes cinco ramos onde os festejos tomam outro caracter.

No entanto os que recebem na cidade tiveram muito fogo, e primaram na mesa dos mordomos. Notou-se alguma differença dos mais annos, mas não foi desfavoravel a esta bella quadra que aqui se passa, por que a animação que hia em toda a cidade, o bolicio e a satisfação de todos os seus habitantes nos patenteam claramente o quanto ainda n'elles impera o espirito religioso que os distingue.

No primeiro do proximo janeiro deve realizar-se a entrega do Senhor do Bemdito, que abrange as duas freguezias, (e este anno parece tornará á d'Esgueira), que vae n'um progressivo augmento.

Sermão.—Na festividade que antehontem teve logar na egreja de Nossa Senhora da Gloria, ao evangelho subiu ao pulpito o novel, mas talentoso orador, o sr. padre Angelo Custodio de Almeida. Orou sobre o dogma da transubstanciação. Este sublime assumpto foi tratado pelo orador com toda a proficieneia e esmero no seu discurso. As flores oratorias espalhadas a flux por todo elle, a solidez dos argumentos, a frase castigada e tersa, tudo isto avultou no sermão do sr. padre Angelo. A declamação porém, cumpre confessal-o, não esteve a par de vehemencia da ideia, e do arrojado do pensamento. Foi por vezes frouxa, o que é devido ao pouco uso que o sr. padre Angelo tem do pulpito, e, porventura, a modestia, virtude que o talentoso ecclesiastico possue em demasia.

Visitantes.—Se este anno a concorrencia aos festejos do natal não foi numerosa como alguns annos antes, não deixaram ainda assim de concorrer bastantes visitantes a presenciar aquelle espectaculo *sui generis*, entre os quaes vimos na quarta-feira o distincto actor do theatro Normal o sr. Marcolino, que aqui em tempo nos mimoseou com algumas recitas em que nos patenteou os seus dotes scenicos.

O tempo para digressão esteve lindissimo, e as entregas, senão foram com o explendor d'outros annos, estiveram mais que regulares, e o enthusiasmo por estas festas d'antiga tradição não deixou ainda d'existir nos aveirenses.

Um pae da patria.—Ainda que como Saturno, de quem conta a mythologia, que comia os filhos, é esta a denominação que se costuma dar aos Ciceros do parlamento.

Agora mesmo chega-nos á noticia que um dos membros da actual camara electiva toma para si o titulo de pae, apezar de estar no caso do supra citado Saturno. Chama *meus filho* aos eleitores, abraça-os com uma expansão verdadeiramente *paternal*, e deixa escorregar pelos olhos avinagrados uma lagrima essencialmente *patriotica*.

E os *filhinhos* pedem-lhe a benção, e o Guisot de tamancos diz: Deus vos abençôe.

Opusculo.—Diz-se que o sr. Antonio Luiz de Seabra, auctor do codigo civil, vae publicar um opusculo, em que combaterá o casamento civil.

E' de esperar do sabio jurisconsulto que a sua impugnação seja mais judiciosa e discreta, que a que por ahi se tem feito ao casamento civil.

AGRADECIMENTO

A commissão d'estudantes, encarregada da erecção do monumento ao chorado tribuno o sr. JOSÉ ESTEVAM COELHO DE MAGALHÃES, vem por este meio agradecer ás illustradas redacções dos jornaes — *Commercio do Porto*, *Jornal do Porto*, *Jornal de Noticias* e *Diario de Noticias* a deferencia que uzaram para com elles na transcripção da noticia.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 28 de dezembro.

No vosso jornal de terça feira 26 do corrente, no logar em que costuma vir publicada a minha correspondencia lê-se o seguinte;

«Não recebemos hoje carta do nosso correspondente da capital. Pedimos desculpa aos nossos assignantes desta falta, que não é nossa.»

Podemos assegurar á esclarecida redacção dessa folha, que a culpa tambem não e nossa; por que a nossa correspondencia foi lançada por nós mesmo na caixa central do correio, districto n.º 37 collocada na loja n.os 49 — 51, rua de S. Pedro de Alcantara.

Se a correspondencia foi extraviada, ou não foi ahi recebida a tempo, a culpa é do correio e só delle, por que ella foi deitada ás 11 horas da manhã de segunda feira.

Pedimos a essa redacção que accredite, que nunca saberemos furtar-nos ao cumprimento do dever, que nos corre na qualidade de correspondente, de que temos a honra de ser dessa folha.

Dada pois esta explicação, resta-nos só pedir ao sr. administrador do correio, que dê as suas ordens afim de que faltas de similhante natureza se não repitam para o futuro.

— Encerrou-se a presente sessão legislativa na terça feira 26 do corrente pela uma hora da tarde, estando presente todos os ministros, e reunidos na sala da camara electiva os pares do reino e deputados da nação.

O sr. conde de Lavradio, presidente da camara dos pares foi quem abriu a sessão.

O sr. ministro do reino leu o decreto real, em que S. M. El Rei Regente o auctorisava a encerrar a presente sessão legislativa. Concluida que foi a leitura do citado decreto, o sr. presidente declarou encerrada a sessão.

A discussão do projecto da liberdade de imprensa na camara electiva, assim como o projecto da novação ao contrato de caminhos de ferro, cujo debate se ia abrir na camara hereditaria, ficam para a proxima sessão, cujo comêço terá logar no dia 2 do proximo janeiro.

Estamos pois em ferias parlamentares. Oxalá que a sessão seguinte se mostre com tendencias reformadoras como a que findou!

— Não ha novidades politicas. A folha official vem despida de interesses. Entretanto extrahimos della o seguinte:

A portaria mandando louvar o conselho de saude publica do reino pelo bem elaborado relatorio sobre o serviço da repartição de saude, tornando-se notavel o dito relatorio pela cópia e variedade de informações estatisticas, e de outros esclarecimentos uteis á hygiene publica.

— O sr. José Eduardo Magalhães Coutinho, vogal extraordinario do conselho geral de instrucção publica, passou á effectividade pelo fallecimento do sr. Justino de Freitas; e o sr. José Vicente Barbosa du Bocage, lente proprietario da escola polytechnica, foi nomeado vogal extraordinario.

— Diz-se que sairá no dia 4 de janeiro a corveta D. João 1.º, que ha de conduzir para Angola o novo governador.

— O logar de aspirante da alfandega de Lisboa, vago pelo fallecimento de Luiz Manuel Moreira Coelho, foi provido no sr. Augusto Potier. Dizem me que o nomeado é intelligente, e que já tem prestado bons serviços na alfandega como empregado do quadro externo.

— Por participações recebidas, consta que SS. MM. e A. já sairam de Paris no dia 25 ao meio dia com destino a Madrid, onde permaneceram só 24 horas. Devem os reaes viajantes achar-se na capital no dia 30 do corrente.

— Chegou de Madrid o sr. duque de Saldanha.

— Regressaram já da sua longa viagem os srs. condes de Penafiel. Tambem veio de Pariz o sr. Mathias de Carvalho, onde tinha hido em commissão do governo.

— Partiu para Madrid o sr. Campos Valdez, socio da empreza do theatro de S. Carlos; diz-se que com o fim de escripturar alguns cantores para a futura epoca theatral.

— Vae fundar-se um jornal de modas redigido por algumas das nossas litteratas, que se dedicam ao estudo das lettras patrias.

— Appareceu morta uma creança recem-nascida na escada do predio n.º 220 da rua Aurea. Estava em tal estado de putrefacção que nem se lhe conhecia o sexo!

O cadaver foi removido para a casa da misericordia, depois do competente corpo de delicto.

Por estes dias vae ser posta a concurso a Igreja da Oliveirinha d'essa diocese. Apesar das grandes diligencias que os *campeões* e quejandos teem empregado, não evitam que o concurso se abra. Queriam, segundo me consta, que se não abrisse por ora o concurso, afim de que o digno ministro da justiça não fizesse o provimento, porque receiam que o seu protegido d'elles, que é o actual encommendado, não seja nomeado.

A Igreja vae ser posta a concurso. O mais digno de certo será o escolhido; as girias de nada servem.

— Já deveis saber que foi provido na Igreja de Travanca, no concelho da Feira, o reverendo padre Antonio Rodrigues da Costa, de Esmoriz.

O despacho recahiu n'um digno sacerdote, que se recommenda não só pela sua intelligencia, como pela compostura do seu porte. Diz-se porém que o digno par do reino o sr. José da Costa se empenhava por um sacerdote; não foi servido, tenha paciencia, porque o reverendo Costa preencherá dignamente o logar.

—Deus queira que esta correspondencia não tenha a sorte da anterior! Assim seja. *Y.*

Commercio

Mercados nacionaes

Porto, dezembro 27

Farinha de milho	$560 a $570
Trigo serodio	$820 a $910
» barbella	$720 a $730
» ribeiro	$910 a $920
» da Maia	$900 a $920
» vareiro	$900 a $920
Feijão branco	$720 a $740
» vermelho	$790 a $800
» rajado	$630 a $640
» frade	$580 a $600
» amarello	$720 a $730
Milho da terra	$500 a $510
» estrangeiro	$460 a $470
Centeio	$570 a $580
Cevada	$420 a $440
batatas (arroba)	$320 a $330
Azeite (almude)	4$600 a 4$700

Annuncios

Da parte do sr. presidente da assembleia aveirense são convidados todos os socios para comparecerem na casa da mesma assembleia no 1.º de janeiro proximo futuro pelas 7 horas da tarde, afim de se proceder á eleição de nova direcção na fórma do estatuto.

Aveiro, 29 de dezembro de 1865.

O secretario
José Ferreira C. de Sousa Junior.

Pelo cartorio do escrivão Pimentel Calisto, a requerimento do exequente José dos Santos Neves, d'Aveiro, se hão de arrematar no dia 31 de dezembro do corrente anno pelas dez horas da manhã e no tribunal judicial do julgado d'Ilhavo, uma morada de casas sitas na rua do cemiterio da mesma villa pertencentes aos executados João Marques de Carvalho e filhos, d'Ilhavo, e avaliadas em 120$000 réis.

Vende-se a pharmacia, que foi de José Martins Pereira da Cruz, sita em S. Martinho de Pessegueiro, concelho de Sever do Vouga; os pharmaceuticos que a pretenderem, podem dirigir-se a Antonio José Martins Pereira, da mesma localidade; que se acha habilitado para dar as necessarias informações.

CARTA CONSTITUCIONAL
DA
MONARCHIA PORTUGUEZA
E ACTO ADDICIONAL

Um grande e bonito quadro, impresso a ouro e côres e proprio para ornar escriptorios, bibliothecas, etc.

Este quadro apresentado na exposição do Porto, como producto da Typographia da Gazeta de Portugal, está á venda em Lisboa no escriptorio da Gazeta. Travessa da Parreirinha n.º 26 1.º andar; e no Porto no escriptorio do Archivo Juridico, rua do Bom Jardim.

Ha duas edições por differentes preços.

A UNIÃO

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS DE TODAS AS ESPECIES.

O progressivo desenvolvimento que se manifesta nos seguros de fogo effectuados em todo o paiz por esta vasta Companhia, prova exuberantemente quanto todos se vão convencendo de que nas companhias de seguros se encontra uma verdadeira garantia contra o risco do fogo, cujos funestissimos estragos tantas vezes tem reduzido á miseria familias que antes viviam na opulencia ou remediadas. Por isso quem haverá que mediante uma insignificantissima quantia, paga annualmente, não queira segurar as suas propriedades, pondo-as deste modo ao abrigo do risco do terrivel e destruidor elemento? Só por negligencia deixarão de o fazer as pessoas que ignorem o modo simples de effectuar taes seguros, maximo, pela percentagem diminuta que se paga na Companhia União, percentagem incomparavelmente menor do que em qualquer outra companhia.

Quem desejar effectuar qualquer seguro se dirigirá ao agente nesta cidade, **João da Silva Mello Guimarães**, que se prestará a dar todos os esclarecimentos que sejam pedidos.

Esta Companhia toma tambem seguros maritimos e fluviaes, com condicções muito favoraveis, e administra a grande Companhia O PORVIR DAS FAMILIAS, que se tem avantajado nos seguros de supervivencias mutuas, pelos resultados que tem auferido os seus socios.

Toma seguros de vida, para o caso de morte, e tambem de supervivencia, does, pensões, annualidades, etc., a premio fixo.

NOVISSIMA REZA DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

Acha-se á venda por o modico preço de **30** rs. o «Novo Officio Ecclesiastico, e Missa propria, tanto para o dia 8 de dezembro, como para o da vigilia, e seu oitavario».

Este interessante livrinho encontra-se na mesma loja onde se vende o «Kalendario Ecclesiastico».

Recommenda-se a attenção dos reverendissimos padres a tal respeito; tendo egualmente em attenção, que segundo o disposto nas Lettras Apostolicas de 25 de setembro de 1863, e advertido tambem na folhinha de 1865, não satisfazem por outro Officio.

A folhinha para 1866 acaba de sair do prelo, e acha-se á venda nas localidades onde se vendeu o anno passado, e pelo mesmo preço.

AGENTE DE ANNUNCIOS ESTRANGEIROS

M. RAYMUNDO VASSIER

Agentes do dito sr. em Paris—I. Labord & C.ª commissionnaires, rua de Bondy, 42 A. Laffont, escriptorio central de publicidade internacional, Impasse Mauzgran, 3.

INJECÇÃO E CAPSULAS VEGETAES AO MATICO
GRIMAULT & C.IE PHARMACEUTICOS EM PARIS

Novo tratamento preparado com as *folhas de Matico, árvore do Peru*, para a cura rapida e infallivel da Gonorrhea sem receio algum da contracção do canal ou da inflammação dos intestinos. O celebre doutor Ricord, de Paris, ter renunciado, desde sua apparição, ao emprêgo de qualquer outro tratamento. Emprega-se *a Injecção* no começo de fluxo; *as capsulas* em todos os casos chronicos inveterados, que resistirão ás preparações do copahu, cubeba e ás injecções com base metallica.

Deposito em *Paris*, 45, rue Richelieu, e em todas as farmacias de Portugal.

BANCO UNIÃO

SECÇÃO DE SEGUROS MUTUOS DE VIDA

A direcção lembra aos srs. subscriptores por annuidades para esta secção do BANCO, que até 31 do corrente têem a fazer as seguintes entradas, para não pagarem a percentagem por morosidade de que trata o artigo 21.º do regulamento.

3.ª para a liquidação de 1869.
2.ª para a liquidação de 1870.
1.ª e entrada unica de 1871.

Até á mesma data, ainda se tomam subscripções para aliquidação de 1870, pagando os subscriptores 12 p. c. sobre a entrada unica ou 1.ª prestação por já terem um anno vencido e liquidarem em 4 annos.

Para a liquidação de 1871 subscreve-se até 31 do corrente sem percentagem alguma por atrazo; e do 1.º de janeiro até 31 de dezembro de 1866, ainda se poderá subscrever para esta liquidação, pagando 1 p.c. ao mez sobre a 1.ª prestação ou entrada unica.

Porto, 7 de dezembro de 1865.

Os directores,
José de Almeida Campos Junior.
F. M. van der Niepoort.

O agente em Aveiro.—*Agostinho D. Pinheiro Silva.*

A QUEM CONVIER

Quem quizer comprar uma vasilha para azeite dirija-se ao escriptorio desta redacção, onde se diz quem a vende

PHOSPHATO DE FERRO
DE LERAS DOUTOR EM SCIENCIAS.
INSPECTOR DA ACADEMIA DE PARIZ &c.

Não existe medicamento ferruginoso tão notavel como o *Phosphato de Ferro de Leras*; as summi dades medicaes de mundo inteiro adoptaram-no com sollicitude sem igual nos annaes da sciencia. *As cores pallidas, dores de estomago, digestões penosas, anemia, convalescencias difficeis, idade critica nas senhoras, irregularidade na menstruação, pobresa do sangue, lymphatismo, são curados rapidamente ou modificados por esse excellente composto.* E'o conservador por excellencia da saude, e declarado superior nos hospitaes e pelas academias a todos os ferruginosos conhecidos, a *iodo reto* ao *citrato* de ferro, por que é o unico que convem aos estomagos delicados, que não provoca constipacão, o unico tambem que não enegrece a bocca e os dentes.

Deposito em *Paris*, 45, rue Richelieu, e em todas as farmacias de Portugal.

PIANOS—Deposito n'esta cidade, rua dos Mercadores n.º 13. Aceitam-se encomendas.
N. B. Os preços são os mesmos dos depositos ou Porto.

PILULAS E UNGUENTO DE HOLLOWAY

PILULAS DE HOLLOWAY

Este remedio é universalmente reconhecido como o mais efficaz que se conhece no mundo. Não ha senão uma causa universal de todas as doenças, isto é impureza do sangue, que é a fonte da vida. Esta impureza depressa se rectifica com o uso das Pilulas de Holloway, as quaes, obrando como depuradores do estomago e intestinos, por meio das suas propriedades balsamicas, purificando o sangue, dão tom e energia aos nervosclos, e meus enrijam todo o systema.

Ellas excedem qualquer outro remedio em regular a digestão. Operam da maneira a mais sadia e effectiva sobre o figado erins, regulam as secreções, fortificam o systema nervoso, e enrijam todo o corpo humano. Mesmo aquellas pessoas da mais delicada constituição podem, sem receio, experimentar os seus effeitos salutares e corroborantes, regulando as dóses conforme ás instrucções que se encontram nos livrinhos impressos em que cadacaixa está enrolada.

UNGUENTO DE HOLLOWAY

A sciencia da medicina não produziu, até hoje, remedio algum que possa ser comparado a este maravilhoso Unguento, que se assimelha tanto ao sangue que, na verdade, fórma parte d'elle, e, circulando com aquelle fluido vital, expelle toda a materia impura, sára e limpa todas as partes affectadas, e cura qualquer sorte de chagas e ulceras.

Este bem conhecido Unguento é infallivel na cura da Escrotula, Cancros, Tumores, Pernas chaguentas, Rigidez das Articulações, Rheumatismo, Gota, Nevralgia, Tic-doloroso, e Paralysia.

Amplas instrucções na lingua Portugueza vão juntas a cada pote e caixa

Acham-se á venda, em caixas e potes, nas principaes boticas de todo o mundo, e na loja do Proprietario, o prefessor, Holloway, N.º 244, Strand, Londres

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA. — *Typ. do* «**Districto d'Aveiro.**»